



Sociedade Informacional: cenário de implantação do Programa NavegaPará¹

Clareana Oliveira RODRIGUES²
Maria Ataíde MALCHER³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Neste trabalho refletiremos sobre as transformações pelas quais nossa sociedade passou e ainda está passando e como as tecnologias alteram as formas de relacionamento, ressignificando velhos hábitos, trazendo outros e obrigando os indivíduos a obter diferentes qualificações para inserir-se nesse novo sistema. Essa tem sido uma preocupação de diversas instituições públicas e privadas, e um dos exemplo é o Programa NavegaPará, principalmente com o Projeto Infocentros, integrado ao NavegaPará, que tem como objetivo promover a inclusão digital dando acesso, em todo o Estado, a vias de informação. A pesquisa é parte da monografia de conclusão de curso desta pesquisadora publicada ao final do ano de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade Informacional; Comunicação; Novas Tecnologias da Comunicação; Programa NavegaPará; Projeto Infocentros.

Introdução

A comunicação faz parte da vida do homem desde o início dos tempos. Como afirma Wolton (2006), as pessoas nunca quiseram estar tão mais conectadas: “Hoje todo mundo quer comunicar e ter acesso às ferramentas mais performáticas; todo mundo quer buscar essa busca do outro que a comunicação significa em primeiro plano” (WOLTON, 2006, p.13).

E é pela expectativa desta conexão que o Programa NavegaPará foi criado no ano de 2007 pelo Governo Estadual, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Ciência e Tecnologia (SEDECT), encarregada de promover um aproveitamento eficiente dos recursos do Estado, e da Empresa de Processamento de Dados do Estado do Pará (PRODEPA), responsável por gerenciar e proteger informações públicas.

¹ Trabalho submetido para apresentação no IJ 5- Comunicação Multimídia do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 01 a 03 de junho de 2011, em Boa Vista (RR).

² Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi bolsista de iniciação científica e atualmente é pesquisadora-colaboradora nos projetos desenvolvidos pela Academia Amazônia, vinculada à Faculdade de Comunicação da UFPA. É integrante do Grupo de Pesquisa em Audiovisual e Cultura (GEPAC), certificado pelo CNPq. E-mail: clareanarodrigues@gmail.com.

³ Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e coordenadora do Programa de Pós-graduação “Comunicação, Cultura e Amazônia”, do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA, e dos projetos “Ciência e Comunicação na Amazônia” (CIECz), “Academia Amazônia” e “ABC Digital”. Pesquisadora líder dos Grupos de Pesquisa, do CNPq, Audiovisual e Cultura e Preservação: Comunicação, Ciência e Meio Ambiente. Pesquisadora do Grupo Comunicação Digital e Interfaces Culturais na América Latina. E-mail: ataidemalcher@uol.com.br.



Percebendo a incipiência da utilização da internet no Pará, o Estado fez uma parceria com as Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A – ELETRONORTE, concessionária de serviço público de energia elétrica, para a implementação do projeto, caracterizado no discurso dos seus fundadores como “o mais ambicioso projeto de integração e inclusão digital do país”.

É provável que uma das razões para tal afirmação esteja relacionada à grandeza e à complexidade do Pará, tanto física quanto social. Sendo o 2º maior Estado do Brasil e cortado por seis grandes rios – Tapajós, Tocantins, Jari, Amazonas, Xingu e Pará – o Estado tem 144 municípios com um total aproximado de 7,5 milhões de habitantes⁴. A região é caracterizada principalmente pelas dificuldades de locomoção espacial, fato comprovado não somente pelo tempo que se leva para se deslocar de um município a outro, mas também pela dificuldade em desenvolver políticas públicas como de transporte, saúde e educação, afinal,

Mesmo com os rios navegáveis, os problemas de comunicação e transporte de mercadorias são enormes. Durante as cheias as estradas têm largos trechos interrompidos, e centenas de quilômetros já foram perdidos pela falta de conservação ou retomados pela mata por falta de um tráfego mais intenso. As duas únicas ferrovias existentes trabalham em função da exploração de minérios (SADER, 1996, apud MALCHER; MIRANDA, 2009, p.02).

Essa ousadia não está somente no discurso de seus fundadores, mas também, como percebido na pesquisa realizada para compor a monografia de Trabalho de Conclusão de Curso desta pesquisadora, realizada em 2010, nas motivações das pessoas que participam do Projeto.

Portanto, a sociedade passou e ainda passa por inúmeras mudanças e muitas delas estão relacionadas às tecnologias, que alteram as formas de relacionamento, ressignificando velhos hábitos, trazendo outros e obrigando os indivíduos a obter diferentes qualificações para inserir-se em um novo sistema. Mas quais mudanças desencadearam o que o sociólogo espanhol Manuel Castells denomina de Sociedade Infomacional?

Sociedade Informacional

⁴ Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo de 2010 (SITE UOL)



Para Castells (1999), o termo Sociedade da Informação está relacionado ao papel da informação na sociedade. Informação esta em seu sentido mais amplo, como comunicação de conhecimentos, o que, para o autor, é fundamental a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo. O termo informacional, por sua vez, é atribuído a uma forma específica de organização da sociedade “em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico” (CASTELLS, 1999, p.46).

Castells retrata o período que estamos vivenciando, que começa a partir do final do século XX, como um “intervalo cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (CASTELLS, 1999, p.49). Para ele, esse intervalo é formado por acontecimentos marcantes que ocorrem com grande rapidez e irão refletir ainda nas próximas eras, estáveis, da história da vida.

Alguns desses acontecimentos que podem ter levado a esse novo cenário da vida social humana estão relacionados a fatores como a relação de interdependência global que passou a existir entre as economias no mundo e que transformou a relação entre a Economia, o Estado e a Sociedade.

Um desenvolvimento desigual passa a ficar mais nítido, desta vez não apenas entre o Norte e o Sul, mas entre seguimentos e territórios dinâmicos das sociedades em todos os lugares. Segundo Vizer e Carvalho, são requeridas novas formas de aprendizagem e de experiência de trabalho: “Nesse novo modelo de indústria cultural, aquele que não possui as condições mínimas de formação pessoal não tem nada para vender” (VIZER; CARVALHO, 2009, p.63).

Diante dessas transformações,

profetas da tecnologia pregam a nova era, extrapolando para a organização e as tendências sociais a mal compreendida lógica dos computadores e do DNA. A teoria e a cultura pós-moderna celebram o fim da história e de certa forma, o fim da razão, renunciando a nossa capacidade de entender e encontrar sentido até no que não tem sentido. A suposição implícita é a aceitação da total individualização do comportamento e da impotência da sociedade ante seu destino (CASTELLS, 1999, p.24)



Esse determinismo da tecnologia é, para Castells (1999), provavelmente um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.

Castells (1999) acentua também que, nessa nova dinâmica, precisamos estar atentos para o fato de que as organizações criminosas também se tornaram globais e informacionais, fazendo circular todo o tipo de negócio ilícito pela sociedade.

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global na produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores do indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela (CASTELLS, 1999. p.22).

Com isso, é notório que existem diversos esforços para que se ampliem, até os lugares mais distantes, políticas públicas de saúde, moradia, entre outros. Como um desses esforços, está o Programa Navega Pará.

Assim, é necessário conhecer como se desenvolve o programa e todos os projetos que fazem parte dele, principalmente um de seus principais projetos, o Infocentros, centros públicos de acesso a Internet que também oferece diversos cursos, como os de informática para a população em diversas áreas do Estado. Mas qual o motivo da necessidade em garantir o acesso à informação para todas as pessoas? Qual a importância disto? E, principalmente, que informação é esta, que pode “universalizar oportunidades e transformar a realidade das diferentes regiões” (idem).

Informar x Comunicar

Para Wolton (2006), informar é produzir e distribuir mensagens livremente, já comunicar, incita um processo de apropriação: “Comunicar, portanto, não é apenas produzir uma informação e distribuí-la, é também estar atento as condições em que o receptor recebe, aceita, recusa, remodela, em função de seu horizonte cultural, político e filosófico, e como responde a ela (...) Transmitir não é sinônimo de comunicar” (WOLTON, 2006, p. 16).

O crescimento das redes e de receptores vem aumentando e como afirma o autor, existem riscos de acontecer uma incomunicação nessas constantes trocas de mensagens. É como a antiga brincadeira do “telefone sem fio”, no qual uma mensagem passa de um



emissor para vários receptores que também posteriormente serão também emissores, mas que devido a alguns “ruídos” essa mensagem será repassada ao outro de forma distorcida. No caso anterior, isso será motivo da diversão, mas aqui, na complexidade do mundo, “comunicar não é uma brincadeira de criança” (WOLTON, 2006, p.15).

E para mostrar o quão complexo é o ato de comunicar, é necessário determo-nos primeiramente na explicação das duas dimensões da comunicação: a normativa e a funcional. A primeira é aquela que nos lembra o sentido de comunicar nascido ainda no século XIV – “compartilhar” ou “comungar”, segundo a tradição judaica – é a que chamamos ideal: informar, dialogar, compartilhar, compreender-se. Já a segunda, nos remete ao século XVI, relacionada ao progresso técnico aliado à ideia de transmissão e difusão, como já diz o nome, daquelas informações necessárias ao funcionamento da sociedade – aquele grande número de informações práticas que precisamos administrar para nossa vida cotidiana (WOLTON, 2006).

As dimensões normativa e funcional não agem cada uma em sua hora, elas funcionam como uma dupla hélice e isso é sentido diretamente nessa diferença entre comunicar e informar. Ou seja, tanto o telefone como o rádio, a TV e a Internet podem permitir trocas até mesmo mais autênticas do que as relações humanas e sociais, ou podem ser utilizados no campo da funcionalidade.

Para continuar falando de comunicação é preciso também levar em conta que ela se realiza em três campos: o técnico, o econômico e o social/cultural. O primeiro deles, segundo Wolton (2006), é o mais visível, que mudou de forma mais espetacular, o segundo está em plena expansão, como já dito, e o terceiro, apesar de ser o mais importante ao longo do tempo, é o menos visível.

Nem novas e nem antigas tecnologias

Não há nenhum “progresso” entre as mídias; há sim uma lógica de oferta e demanda; depende muito da natureza dos serviços, da preferência dos indivíduos (WOLTON, 2003). Escolher a Internet ou a televisão, ao invés do rádio e do jornal impresso não simboliza ser alguém “mais aberto” ou ainda, mais inteligente. Os conteúdos, suportes e preferências de uns e de outros são o que estão em jogo.

Por isso, pensar nas transformações ocasionadas pelo avanço das tecnologias da comunicação é também lembrar do sucesso que foi o lançamento do telefone celular na década de 90, um exemplo claro da busca pelo outro que passa pela voz (WOLTON,



2003). Sobre o consumo do celular, Sorj (2003) aponta para o crescimento da procura de uma linha telefônica, que custava no início da década de 90 doze mil dólares e um aparelho dois mil, e os poucos que tinham o faziam mais por questões de status social.

O status segue explicando a utilidade do celular para os grupos de baixa renda, a partir de uma pesquisa que fez com seus alunos, na qual o produto significava melhores perspectivas de renda e trabalho. Sorj (2003) observa também que apesar dos custos para utilizar os celulares, aquilo que mais pesa ainda é a mobilidade.

Numa cidade como o Rio de Janeiro, onde mais da metade da população – e nos setores de baixa renda, a maioria – se encontra no setor informal, isto é, composto por trabalhadores autônomos sem vínculos empregatícios, realizando serviços ad hoc, o telefone é fundamental para ser localizado, potencializando enormemente as chances de trabalho. Com o telefone celular, carpinteiros, pintores, bombeiros, faxineiras, marceneiros, chaveiros, pedreiros, manicuras, motoristas de táxi aumentaram enormemente as possibilidades de serem localizados para realizarem um serviço (SORJ, 2003, p.20-1).

O caso do telefone celular começa a nos lembrar dos impactos sociais de um produto ou serviço consumido na sociedade contemporânea. A dimensão de status social, mencionada primeiramente, não desapareceu por completo, pois o que ainda vemos é a indústria telefônica investindo em novos produtos, mais caros, com mudanças de design e funcionalidades.

Castells (2006), entretanto, lembra-nos o que aconteceu com o desenvolvimento da televisão nas três décadas após a Segunda Guerra Mundial. Nessa reflexão, o autor enfatiza que não houve um desaparecimento dos outros meios de comunicação, mas uma reestruturação e reorganização. Ele explica:

O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou em penetrabilidade e flexibilidade, adaptando modalidades e temas ao ritmo da vida cotidiana das pessoas. Filmes foram adaptados para atender as audiências televisivas, com exceção da arte subsidiada pelo governo e espetáculos de efeitos especiais das grandes telas. Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos ou enfoque de sua audiência, apesar de se manter atentos no fornecimento de informações estratégicas ao meio televisivo dominante. Quanto aos livros, estes continuaram sendo livros, embora o desejo inconsciente atrás de muitos deles fosse tornar-se roteiro de TV; as listas de best-sellers logo ficaram repletas de títulos referentes a personagens de TV ou a temas por ela popularizados (CASTELLS, 1996, p. 356).

Essa afirmação de Castells, pode nos ajudar também a entender as mudanças advindas com a expansão da web e podemos perceber a partir de Wolton (2003), no livro “Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias”, uma publicidade criada



em torno das novas tecnologias, formulada pela percepção de que a quantidade de computadores conectados à internet em um país é proporcional ao seu desenvolvimento e inteligência.

Além de comentar essa onipresença do discurso de modernização quando se trata de novas tecnologias da comunicação, Wolton (2003) afirma que esse entusiasmo mescla realidade e mito, pois nos próximos dez anos, os usos relativizarão os ardentes discursos de hoje. Para ele, há, portanto, um tipo de repetição de promessas:

Os mesmos que prometem para o amanhã a sociedade em rede não se dão conta que há menos de uma geração outros engenheiros, outros especialistas, outros futurólogos, outros jornalistas, industriais e políticos já haviam cometido a mesma coisa. Os anos 60 e 70 não estão, portanto, assim tão longe (WOLTON, 2003, p.84)

Mas porque as novas tecnologias agradam tanto?

Autonomia, domínio e velocidade. As dimensões psicológicas, para Wolton (2003), são os motivos de atração pelas novas tecnologias, “pois estas vêm ao encontro do profundo movimento de individualização de nossa sociedade” (2003, p.85).

Eu não espero, eu ajo e o resultado é imediato. Isto gera um sentimento de liberdade absoluta, até mesmo de poder, de onde se justifica muito bem a expressão “surfando na Internet” (WOLTON, 2003, p. 85).

E por que não também “Navegar”? – fazendo uma alusão ao Programa NavegaPará: “A fartura está disponível a todos sem hierarquia, nem competência com a ideia que se trata de um espaço transparente. Compreende-se que isto nutra doces utopias” (WOLTON, 2003, p. 85).

Um mundo aberto e acessível a todos, quais sejam os seus itinerários profissionais e seus diplomas. Eis aí que reside a dimensão social das novas tecnologias, segundo Wolton (2003): em “uma nova chance” para todos aqueles que perderam a primeira.

O autor justifica essa valorização a partir da observação de que o espírito de nossa época é marcado pela liberdade individual e que, portanto, as novas tecnologias constituem incontestavelmente um espaço de abertura, um faroeste, uma referência à utopia. O correio eletrônico e as funções anexas de tratamento de texto são, para ele, as aplicações mais sedutoras.



Escrever, se corresponder, arquivar, apagar, sem limite, sem esforço, continuamente, fora das pressões do tempo e do espaço, constituem o principal trunfo dos sistemas automatizados. É sem dúvida tanto a performance quanto a autonomia que seduzem. Cada um faz o que quer e quando quer: sem Deus, nem mestre. Está aí o âmago do ideal individualista liberal. O indivíduo é o único responsável por si mesmo, e fora de qualquer estrutura pode livremente desenvolver sua competência, assegurar seu destino, se cultivar, se corresponder, criar relações (WOLTON, 2003, p.86).

O acesso a novas bases de dados, principalmente para profissionais que necessitam se capacitar é de extrema importância, mas “o acesso a ‘toda e qualquer informação’ não substituirá a competência prévia, para saber qual informação procurar e que uso fazer desta. O acesso direto não suprime a hierarquia do saber e do conhecimento” (WOLTON, 2003, p. 87).

A Internet, após a televisão e o rádio em suas épocas relança um imaginário, uma procura de estilos e de forma, que exprimem a modernidade, e de maneira especial para os jovens, que além de encontrarem um meio para distinguir-se da era dos adultos, cujo império é o da televisão, também buscam uma forma de participar de uma nova aventura. “Se é necessário não confundir novas técnicas e nova cultura, pode-se, contudo salientar que este novo suporte facilita uma expressão cultural e de linguagens ainda em gestão, mas ainda é muito cedo para saber se serão finalmente uma ruptura cultural importante” (WOLTON, 2003, p.87).

O autor segue argumentando que para alguns é como se houvesse a abertura de uma nova história da comunicação, do trabalho, das relações pessoais, dos serviços. É como se tudo fosse redesenhado, já que, devido àquela nova chance, todos estão em pé de igualdade diante do computador. Essa ausência de hierarquia social (a priori, é claro, pois como já dissemos, ainda existe o peso do conhecimento prévio), leva muitos autores a pensarem na chance de uma nova sociedade, em rede, livre e solidária, permitindo finalmente o nascimento de uma nova cultura. Têm-se, portanto, somado ao espírito de aventura, as utopias igualitária e social. Afinal, “qual outra atividade na realidade, pode pretender atualmente unir três características: capacidade de invenção, disponibilidade a todos e fraca presença de barreiras sociais e culturais?” (WOLTON, 2003, p.88).

É importante também salientarmos para o quanto a rede mundial nutre a utopia de uma oportunidade para uma nova solidariedade e consciência. O próprio Wolton (2003) questiona que, em um mundo desprovido de utopias, onde o fim do comunismo apenas confirmou a vitória do capitalismo que não tem mais nada a propor do que uma



sucessão de crises e fases de expansão porque não procurar outras fontes de solidariedade?

Wolton (2003) relembra que a globalização da economia não constitui de maneira nenhuma um projeto de sociedade. Sobre isso, Sorj (2003) na introdução do livro “Brasil@povo.com - a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação” ainda completa:

O mundo se globaliza desde Cristovão Colombo [...] foram necessários quinhentos anos para que, no final do século XX, chegássemos ao início de uma nova era, a da globalização como fenômeno que permeia a consciência do conjunto da humanidade [...]. Os processos de globalização criaram impérios e colônias, levaram à escravidão milhões de africanos, dizimaram povos indígenas e negaram a humanidade de boa parte da humanidade (SORJ, 2003, p. 11).

Sorj (2003), então, prossegue afirmando que a globalização não significa a igualdade efetiva das condições de vida no interior de cada sociedade ou entre povos. Mas ela é a precondição para pensarem-se as desigualdades sociais em escala global, pois a consciência e as expectativas de igualdade precedem a luta contra a desigualdade. Sobre esse caráter democrático que a Internet tomou, Wolton ainda explica que

[...] nesta utopia o mais importante não está na fascinação técnica, pois toda uma geração jovem dos países ricos vive desde os anos 70 em um universo tecnológico; o mais importante reside no fato de que a Net tenha se tornado o suporte dos eternos sonhos por uma nova solidariedade, mesmo sendo, infelizmente, um pouco triste constatar a defasagem entre a qualidade destas utopias e as atuações terrivelmente eficazes dos mercadores do templo, destas indústrias que instalam uma infraestrutura muito distante deste ideal de solidariedade (WOLTON, 2003, p. 89).

Como Wolton (2003) explica, na utopia reside o sonho pela criação de sistemas formadores de informação, de cultura e de comunicação e, mais do que isso, o desejo de mudança e de emancipação. Vejamos a seguir, resumidamente, como funciona a infraestrutura de comunicação do Programa NavegaPará.

Programa NavegaPará

“A democratização do acesso às novas vias de informação como caminho de superação à exclusão digital” (SANTO; ALMEIDA, 1999, p.34). É o que prevê o então Secretário de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia e o presidente da Empresa de Processamento de Dados do Estado do Pará ao apresentar o Programa



NavegaPará como parte da agenda de prioridades do Governo do Estado do Pará Gestão 2007-2010.

A tentativa de refletir e responder a essas perguntas está presente em discursos de políticos, ONGs e instituições públicas e privadas, não por mera coincidência, mas porque a tecnologia cada vez mais passa a fazer parte da lista de bens que todas as pessoas têm direito hoje. Como essa tecnologia vai chegar e de que forma ela vai repercutir no cotidiano da população é que talvez seja o principal ponto de discussão. Novas tecnologias da comunicação

Por isso, foi de extrema importância que o Estado estabelecesse parcerias com instituições públicas e também privadas, como universidades, bancos, órgãos públicos federais e estaduais, entre eles o Ministério da Educação, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Ministério das Comunicações e o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. E até mesmo com instituições de outros estados, como a Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre (Procempa), de onde o Pará inspirou-se para desenvolver um modelo com fibra ótica para grandes distâncias e rede sem fio para levar o sinal da Internet ao usuário final.

O NavegaPará integra cinco projetos: Metrobel, Infovias, Cidades Digitais, Infocentros e Telecentros, sobre os quais trataremos a seguir:

- **Rede Metropolitana de Belém (Metrobel):** consiste em uma infraestrutura de telecomunicações que utiliza rede de fibra óptica para interligar, por internet de alta velocidade, os principais órgãos públicos (federais, estaduais e municipais), entre eles hospitais, instituições de ensino e delegacias.
- **Infovias:** esse projeto também conecta os principais órgãos públicos do Estado (inclusive as prefeituras), a partir de convênio para utilizar 1.800 quilômetros de fibra óptica da Eletronorte. As Infovias são uma rede macro de transmissão, da qual é necessário baixar o sinal para que esta rede se transforme em serviços públicos.
- **Cidades Digitais:** são construções de pequenas redes para que se baixe o sinal da Eletronorte, interligando os principais órgãos públicos (federais, estaduais e municipais), como escolas, hospitais e delegacias. “As Cidades Digitais também vão possibilitar ao interior a chamada governança eletrônica (serviços públicos



pela internet, como consultas sobre documentos e inscrição em concursos)”
(SITE NAVEGAPARÁ).

- **Infocentros Públicos:** instalados em entidades como associações de moradores, paróquias e instituições públicas e privadas, os Infocentros possuem um Comitê ou Conselho Gestor, responsável por seu funcionamento e pelos cursos, que normalmente são de Informática Básica – LINUX e BROffice - realizados no local. A ideia é que os cursos e ações adaptem-se às necessidades do local.
- **Telecentros:** são centros de computadores que viabilizarão ações de telemedicina, tele-educação, teleconferência e telenegócios, ao longo de 1.800 quilômetros de fibra da Eletronorte. O Projeto Telecentros integra a área de Ciência e Tecnologia do Programa. Em Xinguara, sul do Pará, por exemplo, o Telecentro implantado em Maio deste ano pretendia implementar ações voltadas aos empreendedores, promovendo a inserção das microempresas e empresas de pequeno porte no cenário das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), através do acesso à Internet. (SITE NAVEGAPARÁ, acesso 8 março de 2010).

Segundo reportagem de Fátima Fonseca, publicada no periódico Revista Wireless Mundi, em setembro de 2010, o Programa NavegaPará, iniciado em 2007, já cobria 26 cidades digitais no começo de 2010 com 108 infocentros instalados. E até o final de 2010, a rede do Programa passaria por 62 cidades, cobrindo 70% da população do Estado, alcançando mais de 7 milhões de pessoas.

Na matéria também se afirma que o governo assinou, em julho deste ano, como resultado de dois editais, dois convênios com o Ministério do Planejamento, no valor total de R\$ 12 milhões. Um seleciona Belém para sediar o Pólo Regional Norte de Capacitação de Monitores da região e outro para instalação de infocentros pelo Programa Telecentros.BR. Dessa forma, o Estado planeja ter 450 Infocentros com acesso público de internet funcionando espalhados pelos 143 municípios até 2011.

As ações do Programa têm a intenção de fornecer a população uma rede de serviços envolvendo saúde, educação e segurança pública, além de cursos de informática básica nos infocentros. Entretanto um dos maiores desafios do Projeto talvez esteja em conseguir com que as pessoas das comunidades apropriem-se dessa tecnologia para promover uma mudança social na realidade em que vivem.



Projeto Infocentros

A partir de uma inquietação a respeito de como o Programa NavegaPará está conseguindo, em seu desenvolvimento, diminuir as desigualdades no alcance das novas tecnologias, esta pesquisa busca analisar particularmente o Projeto Infocentros.

De acordo com o Projeto de Implantação do NavegaPará – Infocentros (2010) o objetivo da ação é:

Potencializar e expandir as oportunidades de desenvolvimento regional, através da democratização do acesso da população às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) principalmente da informática e da Internet no Estado, possibilitando às pessoas melhores oportunidades na disputa do mercado de trabalho e a apropriação do conhecimento para o benefício da comunidade (LAUANDE; SOUZA, 2010, p. 7).

O projeto pretende beneficiar pessoas de baixa renda – capacitando para o uso de *softwares*, principalmente quanto ao acesso à Internet; população economicamente ativa – ampliando a alfabetização funcional, aumentando a empregabilidade e a capacidade de geração de renda; estudantes de Escola pública – contribuindo com a melhoria da qualidade da educação básica, proporcionando a elevação do nível educacional e cultural; portadores de Necessidades Especiais – contribuindo para a inclusão social; população do interior do Estado – promovendo políticas públicas de inclusão digital para diminuir a disparidade regional; Sociedade Civil Organizada – potencializando a participação efetiva da sociedade civil organizada na implantação dos centros públicos de acesso à Internet; a todos os cidadãos – ampliando o acesso à informação governamental e aos serviços públicos colocados à disposição da população, facilitando a integração dos diferentes órgãos públicos e contribuindo para a formação da cidadania.

Também pretende propiciar o acesso às atuais e destacadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) por meio do uso de *software* livre, de forma a possibilitar a efetiva apropriação tecnológica, aproveitando todas as possibilidades de livre acesso ao código fonte dos programas liberados sob licenças de *software* livre (LAUANDE; SOUZA, 2010).

Para tornar os custos menores o Governo procura beneficiar as cidades que são cobertas por fibra óptica, como aquelas interligadas pela Rede Metrobel. O orçamento estimado do Projeto Infocentros em 2010 foi de dois milhões e setecentos mil reais.



O Projeto escolheu oito metas para descrever os resultados que espera:

Uma população com acesso mais fácil, qualificado e sistemático às tecnologias de informação e comunicação; Domínio do conhecimento tecnológico digital pela população excluída e atualizada em termos de tecnologia de informação e comunicação; Difundir na sociedade as potencialidades das TICs como meio facilitador e propulsor da melhoria da sua qualidade de vida, dotada de maior preparo para o mundo do trabalho e com postura mais cidadã; Disseminação da cultura digital; Formação de massa crítica no Estado, com a integração regional, sintonizada com as inovações nas áreas de informação e comunicação; Apropriação efetiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) através do uso do software livre, de forma a disseminar com maior propriedade o conhecimento ao alcance de todos; Solidificar uma rede pública interligada e democratizada; Aumento do acesso da população a microcomputador e a Internet, para pelo menos 15% diminuindo assim, o índice de exclusão digital no Pará para 85%, igualando-se ao patamar do Brasil (LAUANDE; SOUZA, 2010.p. 28).

Até Julho de 2010 foram implantados, segundo a Prodepa, 108 Infocentros e um total de 168 monitores. Além da Região Metropolitana de Belém Capital, que abrange a capital e os municípios de Marituba e Mosqueiro, foram implantados Infocentros em lugares como os municípios de Abaetetuba, Abel Figueiredo, Altamira, Canaã dos Carajás, Eldorado dos Carajás, Itaituba, Itupiranga, Marabá, Pacajá, Palestina, Parauapebas, Rondon do Pará, Rurópolis, São João do Araguaia, São Sebastião da Boa Vista, Santarém e Tucuruí.

Todos os centros públicos de acesso à Internet atendem aos mesmos critérios de implantação e desenvolvimento de ações, seja na gestão e nos requisitos de infraestruturas. Apesar dos padrões estabelecidos, aquilo que pode diferenciar um ambiente do outro é a maneira como os usuários se apropriam dessas ferramentas a eles ofertadas.

Considerações Finais

Sabe-se da relevância em desenvolver e investir em políticas que visem utilizar os meios de comunicação de forma a melhorar a vida das pessoas, encurtando distâncias, em um Estado tão extenso em tamanho e desigualdades como o Pará, e remodelando as formas de relacionar-se com a cultura e o meio ambiente. Dessa forma, pretendeu-se contribuir na reflexão deste cenário que vivenciamos hoje, onde tamanha é a importância que vem sendo dada as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, que instituições públicas e privadas vem investindo fortemente na



implantação de projetos que promovam a interação com a tecnologia, como o Programa NavegaPará.

Entretanto, não podemos esquecer do objetivo primeiro da comunicação: a compreensão da pessoa, do outro e de nós mesmos. Afinal, como afirma Wolton (2006, p. 19), “hoje a facilidade de comunicar dá o falso sentimento de que seria mais fácil compreender-se. Em outras palavras, a globalização é um acelerador de contradição”.

O ideal de comunicação não está na técnica e sim na capacidade humana e por meio desta pesquisa, parte de uma pesquisa maior realizada por esta pesquisadora, evidenciou-se isso: a comunicação antes de tudo é humana, e como tal, está sujeita a erros e contradições. Logo, somente as extensões das redes de informação não são suficientes para acabar com a incomunicação ainda existente.

É necessário que as pessoas e principalmente as instituições públicas e privadas, responsáveis por garantir os bens a que todos temos direito, possam encarar a comunicação como uma provocação. O que muitos não fazem, acreditando que apenas ao ofertar o acesso resolvem o problema das exclusões sociais, visto que a conjuntura das formas de acesso não é universal e os níveis de demandas e apropriações estão ligados aos repertórios culturais de cada um.

REFERÊNCIAS

- AIOLFI *et. al.* **Guia prático para Entidades Sociais**. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- LAUANDE, Milene R.; SOUZA, Bruna A. **Projeto de implantação do NavegaPará: infocentros**. Belém: Governo do Estado do Pará, 2010.
- LIMA, Marirone Carvalho. Responsabilidade social: apoio das empresas privadas brasileiras à comunidade e os desafios da parceria entre elas e o terceiro setor. In: **Responsabilidade Social das empresas**. São Paulo: Peirópolis, 2002
- MOMENTO EDITORIAL. A maioria do NavegaPará. *Wireless Mundi*. Ano 3, nº 5, set. 2010. p. 32-38.
- NAZÁRIO, Paola Madeira. FNDC: Uma ação social para a democratização da comunicação. In: BRITTO, Valério Cruz (Org.). **Digitalização e práticas sociais**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2009.
- RODRIGUES, Clareana Oliveira. **O Programa NavegaPará – Usos e apropriações no Infocentro Paróquia de São Miguel Arcanjo**. Universidade Federal do Pará (Trabalho de Conclusão de Curso). 2010.



SCHNEIDER, Nádia Helena. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) promovendo o processo educacional. In: BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Digitalização e práticas sociais**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2009.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Guia do Cidadão Infocentro do Programa NAVEGAPARÁ: Solução Ubuntu Linux, Internet, editor de texto, editor de apresentação, planilha eletrônica**. – 2 ed. - Belém: [s.n.], 2009.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**. A luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília: Unesco, 2003.

VIZER, Andrés Eduardo; CARVALHO, Helenice. Comunicação, trabalho e subjetividade: notas sobre capitalismo informacional, economia política e comunicação. In: BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Digitalização e práticas sociais**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2009.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MALCHER, Maria Ataíde; MIRANDA, Fernanda Chocron. A “chegada” da TV Digital no Pará. Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional de Televisão Digital, Bauru-SP, 2009. Disponível em:
<[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtvd/anais/MALCHER%3B%20CHOCRON%20-%20A%20chegada%20da%20TV%20Digital%20no%20Par%E1%20\(606-628\).pdf](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtvd/anais/MALCHER%3B%20CHOCRON%20-%20A%20chegada%20da%20TV%20Digital%20no%20Par%E1%20(606-628).pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2010.

PORTAL DA INCLUSÃO DIGITAL. <<http://www.inclusaodigital.gov.br>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SITE BELÉM ON LINE. <<http://www.belemonline.com.br>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SITE CIDADES DO BRASIL. <<http://www.cidadesdobrasil.com.br>>. Acessado em: 15 nov. 2010.

SITE AEDI. <www.aedi.ufpa.br>. Acesso em: 28 nov. 2010.

SITE DO CURRO VELHO. <www.currovelho.pa.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SITE DO IBGE. <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 nov. 2010.

SITE DO NAVEGAPARÁ. <www.navegapara.pa.gov.br>. Acesso em: 8 mar. 2010.

SITE DO NAVEGAPARÁ-INFOCENTROS. <<http://www.infocentros.pa.gov.br>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SITE VIVA O LINUX. <<http://www.vivaolinux.com.br/artigo/conceito-de-software-livre>> Acesso em: 15 nov. 2010.

SITE UOL. <<http://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao/pa/>> Acesso em: 29 abri. 2011